



# Mulheres em Letras

Jornal do Grupo de Pesquisa Letras de Minas - Belo Horizonte (MG) - Ano 2 - n. 4 - 2011

A crônica de Cidinha da Silva, *Uma historinha de São João*, e o poema, *Modelagem/Mulheres*, de Henriqueta Lisboa estão na pág. 2

Leiam os artigos sobre as escritoras Malluh Praxedes, Branca Adjuncto Botelho e Cecília Meireles nas pág. 3 e 4

A historiadora Luana Diana dos Santos entrevista a juiz-forana Alessandra Muniz, editora e dona do jornal *Mulier*, que circula desde 2004 e traz em suas páginas um enfoque diferenciado sobre a mulher contemporânea pág. 5



Dicas de leitura e resumos de dissertações você encontra na pág. 6

## Novo ano, novos planos!

A chegada ao segundo ano de circulação do jornal *Mulheres em Letras* é motivo de especial alegria para nós. Talvez porque – no fundo, no fundo – receássemos que ele tivesse vida curta, como tantos periódicos que começam bem e logo perdem o fôlego.

Mas cá estamos: não apenas inaugurando o segundo ano, mas, cheias de planos para 2011. A realização do III Colóquio, agora acrescido do I Encontro Nacional Mulheres em Letras, nos dias 5, 6 e 7 de maio deste ano; a inauguração do site do grupo ([www.mulheresemletras.com.br](http://www.mulheresemletras.com.br)); a publicação de novos livros reunindo a recente produção ensaística e crítica das pesquisa-

doras; e o início de um projeto integrado de pesquisa com a Universidade Nova de Lisboa são apenas algumas das atividades que devem nos mobilizar nos próximos meses.

Além disso, o grupo não para de crescer, pois são muitas as demandas de pessoas interessadas em se juntar a nós.

E assim saudamos o ano acadêmico que se inicia! Que ele nos mantenha [unid@s](mailto:unid@s) e [motivad@s](mailto:motivad@s) para estudar sempre mais a literatura produzida por nossas escritoras.

Por Constância Lima Duarte  
Profa. da Faculdade de Letras (UFMG)  
e coordenadora do Grupo de Pesquisa  
Letras de Minas

## Dicionário de Escritoras Portuguesas resgata produção literária

Falar sobre o universo feminino é ainda uma temática que aos poucos, e tardiamente, vem sendo explorada em Portugal. Passados séculos do início da produção dos primeiros textos literários portugueses femininos, só agora surge uma obra que vem dar a conhecer muitas mulheres pioneiras nas letras portuguesas, tendo em vista que elas foram meramente esquecidas, ignoradas ou sentenciadas à exclusão literária.

Conceição Flores, Constância Duarte e Zenóbia Moreira trazem um *Dicionário* inédito que vem tentar ocupar uma lacuna que há muitos anos está presente no corpo editorial português.

Analisar desde as origens até a contemporaneidade o que foi produzido por portuguesas - desde as nascidas no Portugal continental e nas ilhas (Açores e Ma-

deira) não esquecendo de referenciar as nascidas no Brasil, nas antigas colônias africanas, as nascidas no estrangeiro que fizeram de Portugal sua pátria, bem como as nascidas no país mas que viveram em outro país e publicaram em língua portuguesa - demonstra a profundidade de um trabalho desta envergadura.

As pesquisadoras trazem um certo pioneirismo ao conseguirem compactar não só toda a história da produção feminina nacional, mas ao dar visibilidade (através de um texto explicativo, conciso e academicamente objetivo) a alguns aspectos da vida e da carreira literária dessas mulheres-escritoras, mesmo em meio, se considerarmos algumas escritoras praticamente "invisíveis", a poucas fontes de consulta.

O texto completo escrito



Fabio Mario da Silva

pelo professor Fabio está publicado no site Mulheres em Letras: [www.mulheresemletras.com.br](http://www.mulheresemletras.com.br) (FLORES, Conceição; DUARTE, Constância Lima; MOREIRA, Zenóbia Collares. *Dicionário de Escritoras Portuguesas*. Santa Catarina: Editora Mulheres, 2009. 352 p. ISBN 978-85-86501-82-1)

Fabio Mario da Silva, doutorando em Literatura pela Universidade de Évora (Portugal)  
Professor Convidado da Universidade de Varsóvia (Polônia)

## Uma historinha de São João

Olha pro céu, meu amor, vê como ele está lindo, olha praquele balão multicolor, como no céu vai sumindo (...)

Saí para comprar tempero e voltar logo ao preparo das postas de peixe que me aguardavam pegando gosto no limão. Passou por mim uma garotinha de uns nove anos e me abriu um sorriso de quem troca dentes de cima de sua bicicleta. A senhoria simpatia me pegou tão de surpresa que não retribuí ao riso de pronto. Ela pedalou uns metros na direção contrária à minha e depois voltou, sorrindo de novo. Tirou um papelzinho do bolso, estendeu para me dar e disse baixinho "Feliz São João!"

Tocada pela espontaneidade do gesto peguei o papel singelo. Sorri. Agradei. Disse que o desenho do pequeno balão era lindo (em verde e rosa, ainda por cima) e guardei-o no bolso. Meu coração sudestino entendeu, naquele momento, que a gente urbana do lado de baixo do país não tem ideia do que seja o São João para o povo do lado de cima. É uma festa da alma. São rezas, profanidades, comilança e espírito de solidariedade.

Na vendinha, procurei uma caneta bonita para dar de presente à garota, mas não havia nem Bic. Comprei então umas balas pra aquele anjo/erê. Olhei a rua e a encontrei encostada em sua biciletinha, observando os jogadores de vôlei. A seu lado, um guardião, pretendente a namorado, primo ou irmão, não sei. O caso é que me dirigi a ela e disse: "Posso lhe dar uma coisa também?" Ela sorriu um sorriso enorme de quem tinha os dois dentes da frente emparelhados com caninos ainda de leite, e pegou as balas. É lógico que eu tinha um segundo punhado de balas na outra mão e tratei de oferecê-las ao guardião, que, desconfiado,



Foto: Fátima Peres

Cidinha da Silva

aceitou. Um rapagão do vôlei ficou olhando para ver do que se tratava. Um distinto senhor assentado na varanda da casa, em frente da qual tudo se passava, também. Vi que eles cuidavam da cena e estavam certíssimos, mas não liguei para as atenções deles. Afinal, nada de mal acontecia.

Era só nossa cumplicidade à luz do dia, para quem quisesse ver. 📷

Cidinha da Silva é escritora, mineira de Belo Horizonte, historiadora e fundadora do Instituto Kuanza.

A crônica publicada foi extraída do livro: Cada Tridente em seu lugar.

2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007, p. 35-36.

### Modelagem / Mulher

Henriqueta Lisboa (1901-1985)

Assim foi modelado o objeto: para subserviência. Tem olhos de ver e apenas entrevê. Não vai longe seu pensamento cortado ao meio pela ferrugem das tesouras. É um mito sem asas, condicionado às fainas da lareira. Seria um cântaro de barro afeito a movimentos incipientes sob tutela.

Ergue a cabeça por instantes e logo esmorece por força de séculos pendentes. Ao remover entulhos leva espinhos na carne. Será talvez escasso um milênio para que de justiça tenha vida integral. Pois o modelo deve ser indefectível segundo as leis da própria modelagem. (Pousada do ser, 1982)



### Expediente

#### Jornal Mulheres em Letras

Publicação do Grupo de Pesquisa Letras de Minas, com cadastro no CNPq

#### Coordenadora

Constância Lima Duarte

#### Editora responsável

Fátima Peres

Reg.: MG 03731JP

#### Conselho Editorial

Claudia Maia, Constância Lima Duarte, Iara Christina Silva Barroca, Kelen Benfenatti Paiva, Maria Inês Marreco, Maria Lúcia Barbosa, Fátima Peres, Maria do Rosário A. Pereira

#### Colaboradoras

Ana Caroline Barreto, André Leão, Aline Arruda, Cláudia Gomes Dias Costa Pereira, Claudia Maia, Constância Lima Duarte, Cristiane Côrtes, Helga Maria Lima da Costa, Iara Christina Silva Barroca, Isabella Fernandes Pessoa, Kelen Benfenatti Paiva, Laile Ribeiro de Abreu, Luana Diana dos Santos, Maria Inês Marreco, Maria Lúcia Barbosa, Maria do Rosário A. Pereira, Maria do Socorro Vieira Coelho, Fátima Peres, Vera Godoi.

#### Revisão

Maria do Rosário A. Pereira

Claudia Maia

#### Contato

mulheresemletras@mulheresemletras.com

#### Tiragem

1000 exemplares

#### Impressão

Gráfica Silveira

\*Os artigos assinados e publicados neste jornal são de inteira responsabilidade de seus autores.

# U UNICAL

União Produtora Ltda.  
Fazenda Engenho, s/n  
Caixa Postal: 27 - Zona Rural  
CNPJ: 08.175.256/0001-41  
Inscrição Estadual:  
001019597.00-39  
CEI: 32.940.01594/78



Educação, pesquisa  
e  
consultoria

## O pulsar das lembranças itinerantes em *Aquele olhar fora do corpo*

Maria Lúcia Praxedes, mais conhecida como Malluh Praxedes, dispensaria qualquer tipo de apresentação, se eu não estivesse falando, aqui, do seu mais recente lançamento: *Aquele olhar fora do corpo* - livro em que ela faz questão de expor as mais íntimas lembranças de menina do interior de Minas, à mulher dos tempos de hoje. Nascida em Pará de Minas - cidade que compõe grande parte do cenário do seu novo livro -, Malluh tem em suas raízes familiares a presença de jornalistas, poetas e músicos, o que certamente contribuiu para melhor compor sua vitrine literária, em que se apresenta de forma múltipla, ora como jornalista, ora artista plástica, produtora cultural, poeta ou escritora.

Malluh vem construindo sua história literária há mais de 30 anos, e o reconhecimento obtido é fruto de cada um de seus quatorze livros, independente de serem eles de poemas, contos, textos jornalísticos, um "quase romance" ou crônicas.

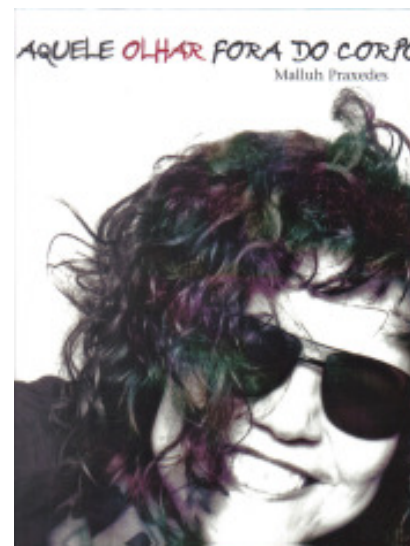
Lendo sua produção literária, é difícil, para quem conhece a Malluh, não reconhecer a força de sua presença em praticamente todos os seus livros. O jeito singularmente natural de ser e de escrever transpõe a emoção de quem elege o próprio texto como um lugar a mais para dizer - ou um lugar a mais para se dizer. E nisso se constitui o livro *Aquele olhar fora do corpo*. O pulsar de lembranças itinerantes pode ser pressentido quando ainda estamos nas primeiras páginas, a partir mesmo da epígrafe de Mário Quintana, que sugere, com perspicácia, o motivo para a criação: "Uma vida não basta ser vivida. Ela precisa ser sonhada."

E é a vida sonhada e vivida de Malluh que se encontra aqui, nestas 256 páginas, cuidadosamente

ilustradas por João Diniz. Embora o título seja *Aquele olhar fora do corpo*, são o corpo e o olhar de Malluh que pulsam dentro do livro, tornando-se quase o sangue que corre e alimenta a própria escrita, a partir mesmo da capa com a linda foto do rosto sorridente de Malluh, assinada por Élio Márcio Alves. Neste livro, embora tenham sido reunidas crônicas já publicadas no site Vitrine Literária e no *Jornal Diário* da cidade de Pará de Minas, as histórias nele narradas não deixam de registrar impressões, experiências, lembranças, sentimentos, gostos, prazeres, ideias e reflexões sobre a vida, sobre pessoas, sobre valores, sobre lugares, enfim, sobre as mais diversas situações que envolvem desde os mais simples até os mais complexos acontecimentos cotidianos.

Entre os fatos que pretende contar e reviver, ela nos diz, também, da incontida necessidade de escrever e de registrar algo além de palavras: os sentidos e os sentimentos que vivem à flor de sua pele: "Engraçado a gente que escreve. Não sabemos nunca quando foi invadida a casa, estancava tudo, embolava alegria com noite e espreitava o silêncio do dia. Confusas sensações, misturadas com gente interrompendo um momento tão único. Se primavera, juro, não dava pra saber. Se morria gente, doía diferente, não passava de pronto. Nunca soube explicar exatamente quando é que vinha uma vontade de escrever ou de sofrer quietinha no canto do quarto." (p.15)

Os motivos para reviver uma lembrança também se multiplicam no decorrer do livro, inclusive através dos inúmeros subtítulos - tais como "Dos cheiros da infância", "Meu pai, minha mãe", "As casas da minha rua", "As mudanças que a vida nos oferece", "Paixões", "Ser do interior" -, que anunciam as lembranças e os sentimentos



Fac-símile da capa do livro de Malluh

de quem escreve e muitas outras histórias que trazem, em si, as lembranças que pulsam, itinerantes, nesse universo de palavras, vida, sonho e sentimento. 🌸

***"Tinha diário, guardava debaixo do travesseiro pra ler na manhã e ver se o que escrevi de véspera estava de acordo com o que sonhei antes da noite. Vieram então as cartas que enviava pras amigas depois que me mudei para Belo Horizonte. Sempre falando de descobertas, dos novos amigos e dos lugares que enfeitavam meus olhos. Sempre gostei de ver. E foi assim que comecei a frequentar galerias de arte. Chegava em casa e nascia a poesia. Depois viciiei em ir a peças teatrais. Sentia uma vontade imediata de quase reescrever o que eu assistia. Eram sempre sensações novas. Aí os shows e as viagens, tudo era motivo pra nascer poema novo."***

**(PRAXEDES, 2010, p.15-16).**

Por Iara Christina Silva Barroca,  
doutoranda em Literaturas de Língua Portuguesa pela  
PUCMinas

## Branca Adjuncto Botelho, cem anos de literatura

Caríssimo leitor, Branca Adjuncto Botelho é uma das escritoras mineiras das primeiras décadas do século XX, natural do município de Paracatu, completamente afastado dos centros culturais brasileiros, antigo arraial que se tornou a Vila de Paracatu do Príncipe e, mais tarde, Paracatu. Esta mulher de Paracatu viveu num cenário histórico repleto

de ricas heranças das décadas de 1830, 1870, período em que, segundo a história, aconteceram pequenas movimentações de mulheres, que permitiram que as forças se somassem e mais uma vez fossem capazes de romper as barreiras da intolerância, e abrir novos espaços; foi o início da luta das mulheres rumo às primeiras práticas literárias de autoria feminina. Além

dessas heranças, Branca fez parte de uma época de grandes transformações que culminaram na Semana de Arte Moderna, em 1922, em São Paulo.

A presença de Branca Adjuncto entre nós foi breve, viveu apenas 24 anos. Nasceu em 23 de agosto de 1911 e, adoecida de leucemia, faleceu no Rio de Janeiro, em 24 de agosto



de 1934. Filha de Francisco Botelho e Maria Conceição Adjucto Botelho (29/05/1892 - †15/05/1977). Nesse curto período de sua existência entre nós, Branca Adjucto, em sua simplicidade, escreveu preciosas poesias no momento de suas inspirações, sem dar valor e importância ao que era feito. Após a sua morte, sua mãe recolheu e organizou um livro intitulado *Simplicidade*, em 1937. Em 2003, uma nova versão do livro foi organizada pela Academia de Letras do Noroeste de Minas Gerais.

Branca deixa traços da sua personalidade em sua obra literária. A inquietação íntima é um dos seus traços marcantes. Em seus poemas, a escritora conspira constantemente com o universo. Com rara sensibilidade, conhecimento e sabedoria, capta significados da convivência entre as personagens da natureza, sons da chuva e do vento, árvores, flores, estrelas, lua, sol, céu, terra, ar etc. Tece comparações entre os acontecimentos vividos e observados por ela e a maneira de se comportar das pessoas, com os da natureza.



Branca Adjucto Botelho


A escritora viaja pelas paisagens naturais, dança, encanta-se, desencanta-se aos sons do vento, dialoga suas súplicas e suas angústias junto aos redemoinhos paracatuenses; voa em meio a poeira de prata das estrelas e repousa seu cansaço nas nu-

vens. Em seus poemas, percebe-se uma recorrência no uso das palavras 'vento' e 'voar', relacionadas ao seu desejo de liberdade, de alçar voo do mundo tão pequeno em que vivia: "Que vontade de respirar o ar do alto/o vento dos horizontes abertos/Voa minha alma! Voa! Voa alto! Por cima de tudo!"

Com simplicidade, maturidade e naturalidade, Branca dialoga com o dualismo 'morte' x 'vida'. Para ela, a felicidade é interior e de responsabilidade apenas de cada ser humano, portanto, cabe a cada indivíduo viver intensa e alegremente o que escolheu para si, de maneira resignada; acredita também na continuidade da vida, na eternidade da alma e esta, por sua vez, é uma parte do todo universal. A matéria, na sua visão, não é perecível, o corpo fisiológico após a morte, destina-se ao processo natural de transformação, seguindo o princípio constatado pelo cientista químico parisiense

Antoine Laurent Lavoisier (1774): "Na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma".

A poesia da escritora Branca Adjucto, caro leitor, nos permite perceber tamanha sensibilidade e inquietação junto aos fatos cotidianos tão simples e ao mesmo tempo tão significativos; nos faz sentir integrados com a beleza, a simplicidade e a sabedoria natas de seres universais que so-

mos. Sua poesia intriga e nos convida a reflexões. No poema a seguir, poderemos perceber a inquietude e a angústia íntima da autora e a certeza de que era necessário alçar voo. 

### Dualismo

**Trago em mim duas almas diferentes**

**Uma é a alma triste**

**Dos campos de minha terra**

**De horizontes infinitos...**

**Tem ainda na boca**

**O gosto do gravatá**

**E no coração**

**A nostalgia**

**Do cheiro das queimadas...**

**Do sussurro do vento nos buritizais...**

**E ela me diz**

**Sonha! Sonha!**

**E deixa a vida passar!**

**A outra alma**

**É irrequieta**

**E se compraz**

**Na agitação das ruas**

**E no ritmo do jaz...**

**Adora as cores vivas**

**Os movimentos apressados**

**O barulho das máquinas**

**E o esforço do trabalho**

**E toda ardor e mocidade...**

**Ela me diz**

**Luta! Age!**

**E conquistará o mundo!**

Por Maria do Socorro Vieira Coelho,  
doutora em Linguística e Língua Portuguesa  
pela PUCMinas

## Cecília Meireles e a cumplicidade feminina via correios


A troca de correspondência entre escritoras constituiu-se – além do encurtamento de distâncias geográficas – em uma rede de sociabilidade e de convívio intelectual, possibilitando o intercâmbio de livros e periódicos, a troca de informações e de experiências e a discussão sobre literatura. Nome importante nessa prática epistolar é o de Cecília Meireles, embora se tenha apenas uma parte restrita de suas cartas publicadas. Lembro seu diálogo com duas mineiras: Henriqueta Lisboa e Lúcia Machado de Almeida. Diálogo que ultrapassou os limites da cordialidade rotineira do gênero, evidenciando uma amizade pessoal e literária. Nessa correspondência de assuntos diversos, há espaço para amenidades, como a troca de receitas de doces com Henriqueta, as dicas de dietas emagrecedoras com Lúcia, como também há espaço para discutir as sobre-

cargas da intelectualidade feminina em um espaço hostil e predominantemente masculino, o cenário das letras.

Nessas cartas, Cecília registra mais que informações pessoais, retrata também as inquietudes comuns a outras mulheres que, como ela, ocupavam cada vez mais o lugar de escritora e intelectual.

É interessante destacar que a construção discursiva de Cecília é permeada pela ironia e pelo humor e nas cartas que envia a Minas, a escritora que há nela interfere nas questões de ordem pessoal. Assim, ao tratar de assuntos ligados ao universo do lar, a verve da escritora transforma o relato do cotidiano em textos carregados de imagens e metáforas, como na carta a Lúcia Machado de Almeida de 12 de abril de 1946, em que escreve sobre um dos problemas domésticos que mais a afligia: "Se anunciássemos:

'Precisa-se de boa cozinheira que faça odes, poemas e novela, de diferentes maneiras, propondo-se a patroa a realizar os quindins e macarrões que ela deixar de fazer?' Achas que apareceria alguma?"

As cartas escritas por Cecília Meireles às amigas mineiras encontram-se no Acervo de Escritores Mineiros, na UFMG, e retratam as inquietudes, as alegrias e aspirações, as realizações profissionais e literárias, os excessos de trabalho, os projetos inacabados, os problemas pessoais de saúde, da administração da casa, da solidão da escrita, problemas comuns também a outras intelectuais, reforçando a cumplicidade entre aquelas que conquistaram o direito de serem chamadas mulheres de letras. 

Por Kelen Benfenatti Paiva,  
doutoranda em Literatura Brasileira pela UFMG

# Mulier: um outro enfoque sobre o universo feminino

*Esqueçam fórmulas mágicas de beleza, receitas mirabolantes de emagrecimento e imagens deturpadas das mulheres. Mulier, jornal editado mensalmente pela jornalista juiz-forana Alessandra Muniz, é o avesso de tudo isso. Durante conversa via e-mail, nossa entrevistada fala dos desafios enfrentados para manutenção do jornal, de política e, como não poderia deixar de ser, de literatura de autoria feminina.*

## Como surgiu a ideia de produzir um jornal voltado para o público feminino?

**Alessandra:** A ideia de criar o *Mulier* partiu da vontade de empreender. Temos inúmeras revistas femininas, mas parti da constatação de que eu nunca me senti representada por esta imprensa feminina, que retrata sempre a mulher como objeto de desejo do outro, geralmente dos homens, como se ela não tivesse outras preocupações e desejos. Daí surgiu a ideia de escrever para o público feminino assuntos que penso serem de real interesse feminino: a história, as conquistas e os desafios vivenciados pelas mulheres do Brasil e do mundo. Em uma sociedade ainda tão machista, preconceituosa e patriarcal, acredito que as mulheres precisam de informações que possibilitem a elas refletir e discutir para melhor conhecer sua realidade, tentando transformá-la, por esta ser ainda muito desigual por questão de gênero e classe.

## Qual o perfil da leitora de *Mulier*?

**Alessandra:** As leitoras do *Mulier* são, em sua grande maioria, 97%, mulheres. Os homens também assinam (3%) e outros leem com suas parceiras. Interessante registrar que às vezes as leitoras contam que os maridos abrem o envelope do *Mulier* antes delas para ler. O nível de escolaridade predominante é o superior. São mulheres de todas as classes sociais, principalmente classe média, formadoras de opinião, estudantes, professoras, jornalistas, advogadas, funcionárias públicas, aposentadas, ativistas de direitos humanos. Além de Juiz de Fora, 15% das leitoras são de outras cidades de diversos estados brasileiros, como São Paulo, Rio de Janeiro, Santa Catarina, Pernambuco, Bahia, Tocantins e Distrito Federal.

## Em 2011, o *Mulier* completa sete anos. Estudos sobre a imprensa feminina nos mostram que periódicos "alternativos" como o *Mulier* tendem a ter vida curta, alguns não sobrevivem por mais de duas edições. Qual o segredo para a manutenção do jornal?

**Alessandra:** Muita persistência, paciência e a capacidade de acreditar que vai dar certo, como já vem dando nestes sete anos. Acredito que a principal dificuldade é manter o jornal circulando. Atualmente estamos na edição de número 84 e desde fevereiro de 2004, quando o *Mulier* foi

lançado, não deixou de circular um mês. Fazer o jornal, escrever, entrevistar é um grande prazer, assim como o trabalho de divulgação e as palestras, que proporcionam conhecer tantas novas pessoas e seus trabalhos originais. O grande problema é organizar toda esta logística de confecção, distribuição, divulgação e administração financeira. O fator econômico é o principal obstáculo. Fica difícil custear todas as despesas apenas com assinaturas. Por outro lado, é contraditório ter publicidade que nega tudo aquilo que escrevemos, como o mito da eterna beleza e juventude. Neste momento, o *Mulier* está funcionando apenas com as assinaturas, pois estamos conseguindo, cada vez mais, ser reconhecidos pelo trabalho sério, de qualidade, dinâmico e diferenciado, usado como referência em livros e pesquisas acadêmicas, além de ele próprio ser objeto de pesquisa.

## As revistas femininas que circulam no país geralmente contribuem apenas para a alienação, a conservação de valores tradicionais e a perpetuação da dependência feminina. O que você pensa sobre isto?

**Alessandra:** Penso que as revistas femininas não estão de acordo com a nova realidade das mulheres brasileiras, que conquistam cada dia mais autonomia e ocupam espaços importantes na sociedade enquanto atrizes sociais e políticas. As reportagens da imprensa feminina comumente tratam sobre aborto, fantasias e novas experiências sexuais, entre outros assuntos; entretanto, no restante da revista, os apelos para a mulher ser perfeita e, consequentemente, desejável sexualmente, anulam o que poderia ser considerado libertário nas reportagens sobre sexualidade. São muitas as cobranças: ser linda e magra, seguir as tendências da moda, ter aparência jovem, sem marcas do tempo como rugas e celulites, procurar um corpo perfeito esculpido na academia ou na cirurgia plástica, ser bem-sucedida profissionalmente - até para ter poder aquisitivo para custear os gastos com a beleza. Fica difícil ser esta mulher tão perfeita, desejável e totalmente feliz sexualmente.

## Não podemos deixar de falar de literatura de autoria feminina - uma constante nas páginas de *Mulier*. Quais são suas referências nessa área?

**Alessandra:** Realmente uso muitas referências femininas da literatura no *Mulier*, até porque o jornal é um canal



Capa do jornal *Mulier*

para divulgar o que pouco vamos ver na imprensa em geral e, infelizmente, as mulheres, na literatura e outras áreas do conhecimento, costumam ter pouca visibilidade, principalmente por serem mulheres. Vou citar alguns nomes que admiro pela vida e obra, como Nísia Floresta, Pagu, Clarice Lispector, Raquel de Queiroz, Cora Coralina, que tentaram escapar dos estereótipos de gênero e desafiaram uma ordem estabelecida, tornaram sua voz ouvida.

## Vivemos um momento histórico em que pela primeira vez uma mulher está à frente da Presidência da República. Quais são suas expectativas em relação ao governo da Dilma Rousseff?

**Alessandra:** Minhas expectativas são as melhores possíveis. A eleição da presidenta Dilma Rousseff é uma vitória enorme das mulheres, apesar de muitas ainda não terem consciência disso. Representa a possibilidade de mudanças simbólicas e concretas, muitas das quais já estamos presenciando. A nomeação de um ministério com nove mulheres é inédita, em mais de 120 anos de República tivemos apenas 18 ministras. Apesar da representatividade no Congresso ter ficado praticamente a mesma, a eleição de uma mulher para o mais alto posto da República pode estimular mais mulheres a participarem da vida pública, apesar da discriminação encontrada dentro dos partidos. Acima de tudo, ter uma mulher na presidência pode fazer com que estereótipos de gênero e preconceitos sejam, no mínimo, questionados na medida em que naturaliza a presença de mulheres em todos os setores da sociedade, como já vemos no mercado de trabalho, na educação e nos movimentos sociais.

*Mulier* pode ser adquirido por meio de assinaturas anuais ou semestrais.  
Contatos: Alessandra Muniz  
e-mail: [jornalmulier@gmail.com](mailto:jornalmulier@gmail.com)  
Fone: (32) 3218-0045

Por Luana Diana dos Santos,  
Historiadora

## Retratos biográficos de Olga Benario: uma vida escrita

Na dissertação intitulada *Retratos biográficos de Olga Benario: uma vida escrita*, propõe-se um estudo sobre alguns dos vários relatos biográficos de Olga Benario Prestes, levando-se em consideração o jogo factual/ficcional constitutivo do gênero biográfico. Nas últimas décadas, no Brasil e no exterior, tem sido produzido um número significativo de narrativas, pe-

ças teatrais, filmes e ensaios que, mantendo estreitas relações entre si, recriam a vida da personagem. Assim, a partir da metáfora da biografia como um retrato, procura-se evidenciar, nesses textos, a construção das diferentes imagens de Olga, tornada heroína da política brasileira e do imaginário popular, graças a tais relatos.

Por Luciara Lourdes Silva de Assis,  
mestre em Literatura Brasileira pela UFMG

## A hora dos animais no romance de Clarice Lispector

A *hora dos animais no romance de Clarice Lispector* procurou acompanhar os modos com que as narrativas longas da autora estabelecem o encontro entre humanos e não humanos. Seja como personagem, seja como figura metafórica, estando no zoológico ou na sala de estar, o animal mostrou-se um outro privilegiado na obra da autora. O presente trabalho propôs, em uma lei-

tura cronológica, uma análise comparativa da questão e separou um momento para a visita que algumas personagens fazem ao Jardim Zoológico. Ultrapassando a barreira da linguagem humana, a experiência com o animal revela algo da ordem da sedução e do desconhecido, fonte de que jorra a literatura de Clarice.

Por André Leão,  
Mestre em Literatura Brasileira pela UFMG

## Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo: um Bildungsroman feminino e negro

A dissertação Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo: um *Bildungsroman* feminino e negro foi orientada pelo professor Dr. Eduardo de Assis Duarte, na linha Literatura e Expressão da Alteridade do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais, PÓS-LIT/UFMG.

O trabalho pretende determinar as especificidades do discurso afrodescendente de Conceição Evaristo, em *Ponciá Vicêncio*, que tornariam o romance uma apropriação do gênero Bildungsroman com tons paródicos.

Através da comparação com o modelo do romance de formação burguês, *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, de Goethe, a pesquisa percorre a estrutura do gênero comparando-a com a narrativa criada pela autora mineira. As marcas femininas e étnicas são explicitadas através da relação entre a memória e a diáspora africana, que acompanham a protagonista em sua errância. A dissertação está disponível no site da Faculdade de Letras da UFMG e no domínio público.

Por Aline Alves Arruda,  
mestre em Teoria da Literatura e doutoranda em  
Literatura Brasileira pela UFMG

## Na trama da escrita autoficcional: relações entre obra e vida em Lygia Bojunga Nunes

Esta pesquisa envolve análises das relações entre obra e vida na escrita de Lygia Bojunga Nunes, tomando como pressuposto teórico a concepção barthesiana de biografema, além de tecer reflexões e aproximações com os conceitos de pacto autobiográfico de Philippe Lejeune (1975) e autoficção de Serge Doubrovsky (1977), Vincent Colonna (2004) e Philippe Gasparini (2004). Observando as mudanças no projeto de escrita da autora, foi feito um estudo das obras em que ela se insere em sua trama narrativa, como

em: *Livro, um encontro com Lygia Bojunga Nunes* (1988), *Fazendo Ana Paz* (1991), *Paisagem* (1992), *O Rio e eu* (1999), *Feito à mão* (1996) e *Retratos de Carolina* (2002). Tendo em vista ainda a metodologia da crítica biográfica contemporânea no Brasil (Eneida Maria de Souza, 2002), este trabalho problematizou e contemplou a presença da autora a partir de biografemas recorrentes em sua obra - o Rio, a casa e o teatro - como forma de encenação do fazer literário.

Por Gerlane Roberto de Oliveira,  
mestre em Teoria da Literatura pela UFMG



lendo *Lolita em Teerã*  
Azar Nafisi, 420 p., R\$ 19,90  
(Edições BestBolso).

A autora iraniana Azar Nafisi nos conduz à intimidade da vida de oito mulheres que precisam encontrar-se secretamente para explorar a literatura ocidental proibida em seu país. Durante dois anos, antes de deixar o Irã, em 1997, Nafisi e mais sete jovens liam em conjunto *Orgulho e preconceito*, *Madame Bovary*, *Lolita* e outras obras clássicas sob censura literária. A narrativa de Nafisi remonta aos primeiros dias da revolução islâmica liderada pelo aiatolá Khomeini (1979), quando ela começou a lecionar na Universidade de Teerã, em meio a um turbilhão de protestos e manifestações. Obra de grande paixão e beleza poética que nos ajuda a entender os sangrentos conflitos do Irã com o vizinho Iraque, e a tirania do regime islâmico.



*Mulher e Literatura* - 25 anos - Cristina Stevens  
(org.), 280 p. R\$ 38,00 (Editora Mulheres)

Se agora conhecemos parte substancial do patrimônio cultural das mulheres que nos antecederam, e contamos com uma ampla bibliografia, é preciso reconhecer o mérito das pesquisas e da rica produção intelectual realizada nas últimas décadas. Após 25 anos, o Grupo de Trabalho A Mulher na Literatura se consolidou no campo da pesquisa acadêmica do país, demonstrando que a presença da mulher na literatura, mais que um modismo intelectual, é uma instância concreta de trabalho, na medida em que reinterpreta a posição ocupada pela mulher, dentro e fora do texto literário.

*A ilha sob o mar*  
Isabel Allende  
(Editora Bertrand Brasil,  
2010)

O romance de Allende conta a história de Zarité, Teté, escrava em Saint-Domingue, onde hoje é o Haiti, no final do século XVIII. O livro resgata o contexto histórico de dura segregação racial e dos horrores pelos quais os escravos antilhanos passavam. A história é narrada em dois planos, na primeira e na terceira pessoa, e a narrativa, assim, tem um bom movimento em torno das agruras e prazeres vívidos por Teté e os demais personagens, como o escravo guerreiro Gambo, ou o covarde senhor de engenho Toulouse Valmorain.



*Não vou mais lavar os pratos*  
Cristiane Sobral (Brasília:  
Coleção Oi Poema, 2010)

"Não vou mais lavar os pratos é um livro que, não tendo sido escrito para um público específico, interessará a todos os amantes da poesia. Com certeza, também aqueles que enxergam na literatura um possível grito de liberdade, descobrirão que, no ofício de moldar, Sobral confecciona 'a palavra certa', 'suga o espaço da página', comprovando que, seja tratando da restauração de traços identitários ou de outras questões sociais, a literatura que faz busca a valorização do outro, porque está comprometida, antes de tudo, com o ser humano". (Michelly Pereira, Profa. da PUCMinas)

